



A EPISTOLOGRAFIA NO TRATADO *SOBRE O ESTILO* DE DEMÉTRIO E AS PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE O GÊNERO NA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA

EPISTOLOGRAPHY IN DEMETRIUS' TREATISE
ON STYLE AND THE FIRST REFLECTIONS
UPON THIS GENRE IN GRECO-ROMAN ANTIQUITY

Gustavo Araújo de Freitas¹
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: O tratado *Sobre o estilo* de Demétrio contém uma primeira e rara reflexão teórica mais desenvolvida sobre a epistolografia na Antiguidade Greco-Romana, de que temos conhecimento; um gênero que, apesar de muito praticado, esteve às margens da teoria retórica. Meu intuito é compreender melhor essa reflexão a partir da inserção da mesma na tradição retórica, vista então de uma perspectiva ampla, que abarca desde certas reflexões sobre o gênero da parte de outros retores, até a própria prática e instrução a cargo dos sofistas da época.

Palavras-Chave: Epistolografia; Demétrio; *Sobre o estilo*.

¹ garafreitas@hotmail.com

Abstract: *Demetrius' treatise On Style contains the first reflections upon epistolography – and is a rare occurrence – in Greco-Roman antiquity. Although widely practiced, this genre remained on the fringes of rhetorical theory. The aim of this study is to improve the understanding of Demetrius' reflection from a broad perspective in the rhetorical tradition, which comprises reflections upon this genre by other rhetoricians and upon its practice and instruction by contemporary sophists.*

Keywords: *Epistolography; Demetrius; On style.*

O tratado *Sobre o estilo* (*Perì hermēnéias*, *PH*) de Demétrio² traz a primeira reflexão teórica mais desenvolvida sobre o gênero epistolar na Antiguidade Greco-Romana, um gênero que, apesar de usualmente praticado na época, esteve às margens da teoria retórica.³

Mas, ainda que falte uma teoria retórica mais elaborada sobre a epistolografia, é incontestável o seu pertencimento à tradição retórica, e há pelo menos três pontos que o evidenciam: primeiro, o fato de ter ficado à “margem” da teoria retórica não implica em ausência de reflexão teórica sobre o gênero da parte dos retores; segundo, a escrita de cartas fez parte da instrução retórica; e, terceiro, a epistolografia foi uma atividade de grande importância para os sofistas, sobretudo a partir do período helenístico.

Começando, então, pelo primeiro ponto levantado, os testemunhos antigos não só apontam para uma teorização sobre o gênero, como apresentam

² A abreviação “*PH*”, da forma transliterada do título, *Perì hermēnéias*, é reconhecida entre os comentadores da obra. Sobre sua datação, a tese apresentada por Chiron é hoje a mais satisfatória; o autor propõe como data aproximativa de composição o final do século II a. C. ou, mais provavelmente, o início do séc. I a. C. Quanto a seu autor, ele resta como uma figura bastante enigmática. Ao certo, os principais manuscritos atribuíram a obra a Demétrio de Falero, e, de fato, essa atribuição pode ter ajudado a assegurar a sobrevivência da obra; contudo, hoje, há um consenso absoluto acerca desse equívoco. Por isso, os comentadores mantêm simplesmente o nome de Demétrio, embora também não façam maiores considerações sobre essa figura enigmática. Chiron aponta a possibilidade de autoria do *PH* a Demétrio da Síria, mencionado por Cícero, e que poderia ser identificado com um Demétrio de Alexandria de uma lista de homônimos de Demétrio de Falero proposta por Diógenes Laércio (1993, p. XXXIX).

³ Stowers lembra que a composição de cartas resta apenas às margens da educação formal retórica na Antiguidade. Nunca houve uma sistematização detalhada de regras para as cartas, e a obra retórica mais antiga existente e que trata da composição de cartas é justamente o tratado *Sobre o estilo* (1986, p. 34). Chiron também observa que, apesar de termos algumas coleções de cartas conservadas, a teoria do gênero epistolar é muito mal conhecida. Notam-se apenas algumas reflexões isoladas nos tratados ou nas próprias cartas. Logo, Demétrio constitui uma exceção, com um desenvolvimento relativamente longo (1993, p. XCV). Ainda sobre o fato de a epistolografia ter restado à margem da teoria retórica, cf. KENNEDY, 1999, p.131; MALHERBE, 1988 p. 3; PERNOT, 2000, p. 94.

muitos pontos de contato com as próprias reflexões teóricas de Demétrio, especialmente em se tratando de reflexões de ordem estilística.⁴

Essas reflexões aparecem, ou de forma mais pontual, como em uma passagem de Quintiliano (*Institutio Oratoria*, IX, 4, 19-20 Halm), ou, de uma maneira mais desenvolvida, como no apêndice ao final da *Ars Rhetorica* de Júlio Víctor, no séc. IV d. C. (*Ars rhetorica*, 27 Halm). Reflexões dessa natureza estão também presentes nas correspondências de Filóstrato, no séc. III d. C. (*De epistulis*, II 257, 29 - 258, 28 Kayser), e de Gregório de Nazianzo, em 384 - 290 d. C. (*Epistula*, 51 Gallay).

E é ainda possível identificar a aplicação de determinados conceitos sobre o estilo epistolar compartilhados entre os retores antigos, nas correspondências de Isócrates (*Ep.*, 1 Blass), Cícero (*Ad Familiares*, 2, 4, 1; 4, 13, 1; 12, 30, 1 Williams; *Ad Atticum*, 8, 14, 1; 9, 4, 1; 8, 14, 1; 9, 10, 1; 12, 53; 16, 16, 2 Winsted), Sêneca (*Epistolae Morales*, 40, 1; 75, 1-2 Gummere) e Plínio, o jovem (*Ep.*, 7, 9 Radice).⁵

Além disso, os “exercícios preliminares” (*progymnasmata*) de Teão (115. 11-28 Spengel = 8 Patillon) e Nicolau (66. 17 - 67. 5 Felten) trazem uma reflexão sobre o gênero em relação com o exercício escolar da “personificação” (*ēthopoíia/prosōpopoíia*) que, como veremos, incide diretamente no estilo epistolar.

E, afinal, temos os dois manuais de epistolografia grega que chegaram até nós, os chamados “Tipos epistolares” de Pseudo Demétrio e de Pseudo Libânio.⁶ Apesar de demonstrarem uma preocupação mais pragmática do que teórica – oferecendo modelos de tipos de carta a serem seguidos, conforme a circunstância –, cada um dos tipos de carta é introduzido por uma definição

⁴ Grube lembra que a discussão sobre a epistolografia presente no *PH* tem uma importância histórica considerável, uma vez que os princípios que expressa encontram ressonância em todas as teorias posteriores sobre a epistolografia (1961, p. 29).

⁵ Com exceção de Quintiliano, Isócrates e Plínio, o jovem, as demais citações no decorrer dessa exposição sobre a epistolografia são baseadas na reprodução feita por Malherbe (1988) a partir das edições supracitadas. A edição de Quintiliano utilizada é aquela que acompanha a tradução de Butler (1958-1960), e a edição das correspondências de Isócrates é aquela que acompanha a tradução de Van Hook (1945). As traduções dos trechos levantados são de minha autoria.

⁶ O equívoco de atribuição do *Týpoi epistolikoí* ao mesmo Demétrio do *PH* ocorreu a alguns autores; cf. DE LA TORRE, 1979, p. 33. No entanto, Chiron descarta logo essa atribuição, tendo em vista o nível da reflexão crítica (1993, p. XCVI). Malosse também salienta que os pontos de vista entre o autor do *Týpoi epistolikoí* e o do *PH* são muito diferentes, e que, inclusive, o manual de Pseudo Libânio, com suas reflexões estilísticas, é o que mais se aproxima do *PH* (2014, p. 68).

acompanhada de considerações estilísticas, que revelam traços de uma teorização.

Ainda nesses manuais, é possível mapear, nos próprios exemplos, determinados conceitos que remetem a uma percepção dos antigos sobre o gênero epistolar. E é oportuno dizer que, mesmo que o manual de Pseudo Libânio seja reconhecidamente mais tardio (séc. IV d. C.), e que o manual de Pseudo Demétrio apresente uma datação muito problemática (entre os séculos II a. C. e III d. C.), eles apresentam conceitos cristalizados de uma longa tradição.⁷

Mas, sem dúvida, quando comparamos as fontes antigas com o *PH*, notamos que a reflexão de Demétrio adquire um desenvolvimento mais amplo e, apesar de, no *PH*, ela estar integrada a um plano maior da teoria dos tipos de estilos, essa reflexão ganha certa autonomia sob a forma de *excursus*. Uma reflexão teórica, portanto, mais ampla e mais autônoma, incomum entre as fontes antigas sobre a epistolografia, talvez com a única exceção de Júlio Víctor (séc. IV d. C.), que abordou a epistolografia como parte da *Ars rhetorica*, em um apêndice ao final de seu manual.

Mas, mesmo que as reflexões teóricas se deem pontualmente em grande parte dos retores, sem que seja possível mapear uma teoria mais desenvolvida e específica sobre a epistolografia na Antiguidade greco-romana, a presença recorrente de certas concepções sobre o gênero, como eu disse, sugere a influência de alguma teorização. E, no caso do *PH*, em particular, essa influência é nomeada: Artemão.

Essa figura enigmática teria sido um “editor” (*anagrápsas*) das cartas de Aristóteles, o que pressupõe um trabalho de catalogação, de apresentação e comentário (CHIRON, 1993, p. XXXV).⁸ As muitas menções às correspondências

⁷ Como Malherbe ressalta, os manuais em vários níveis refletem elementos típicos e tradicionais do estilo epistolar, sendo um testemunho conservado dessa tradição. O manual de Pseudo Demétrio é provavelmente o produto final de um texto que sofreu inúmeras revisões (1988, p. 4). Keyes lembra que a forma original desse manual remonta no mínimo ao séc. I a. C., tendo estado sujeito a inúmeras revisões nos quatro séculos seguintes (1935, p. 30). Sobre o manual de Pseudo Libânio, Malherbe destaca uma combinação e elaboração de materiais que nós identificamos em uso em um período anterior (1988, p. 5). De La Torre nota também como, apesar da possível distância temporal entre os dois manuais, as opiniões não se alteram substancialmente (1979, p. 34).

⁸ Chiron comenta que o verbo *anagráphein* pode abarcar em seu campo semântico um trabalho de “inscrição”, isto é, de catalogação, e um trabalho de “apresentação” ou “comentário”, o que sugere não só a reunião e organização de cartas, como também reflexões críticas sobre elas (1993, p. XXXV). Sobre Artemão, suspeita-se de um gramático e bibliógrafo do século II

de Aristóteles por Demétrio sugerem uma ligação mais estreita entre suas concepções e as de Artemão, mas a única coisa que, de fato, pode-se atribuir aqui a esse autor é a concepção da carta como uma das partes do diálogo (CHIRON, 1993, p. XCV).⁹

Se Artemão foi, ou não, o primeiro a estabelecer a regra, o fato é que essa percepção da proximidade da carta com o diálogo esteve presente entre os retores da Antiguidade greco-romana. Quintiliano associa a carta ao diálogo em torno de uma retórica mais “solta” ou “frouxa”, em contraposição a uma outra mais “amarrada e entrelaçada” (*Institutio oratória*, IX, 4, 19 Halm). Gregório de Nazianzo recomenda que “se deve evitar uma linguagem como a da prosa, o quanto possível, e inclinar-se mais para o tom de uma conversa” (*Epistula*, 51, 4 Gallay).

Também no manual de “Tipos epistolares” de Pseudo Libânio, a relação é retomada em vista da proximidade entre remetente e destinatário dada pelo termo *homília* (“encontro”): “A carta é um encontro por meio da escrita, sendo ela de um ausente a outro e preenchendo uma finalidade prática. Alguém dirá, nela, como se estivesse presente diante de outro presente” (*Epistolimaîoi kharaktêres*, 1 Foerster).¹⁰

E essa aproximação da carta com o diálogo está também estreitamente relacionada com um tipo de correspondência nomeado como “cartas de amizade” nos manuais de Pseudo Demétrio e de Pseudo Libânio. E, no caso do *PH*, ainda que Demétrio não se oriente por uma classificação de “tipos epistolares” como os autores dos dois manuais, as cartas são concebidas justamente como uma “mostra de amizade”: *philikón* (§ 229), *philophrónēsis* (§ 231) e *philikē philophrónēsis* (§ 232).

E, ao certo, as “cartas de amizade” foram um tipo importante de correspondência na Antiguidade. Stowers comenta que os teóricos e escritores educados na tradição epistolar grega presumiam que a função de uma carta era

a. C, conhecido por Ateneu, mas de quem pouco se sabe sobre o conteúdo das reflexões (CHIRON, 1993, p. XXXVIII). Segundo De la Torre, concretamente, as correspondências de Aristóteles foram a primeira coleção de cartas privadas publicada (1979, p. 24).

⁹ Nas palavras de Demétrio, Artemão considera que “se deve, do mesmo modo, escrever diálogo e cartas, pois a carta deve ser como uma das duas partes do diálogo” (*PH*, § 223).

¹⁰ Com relação às citações de Pseudo Libânio, sigo o texto grego da edição de Foerster reproduzido por Malherbe (1988).

a manutenção da amizade, e que ela era um substituto adequado diante do impedimento da presença física (1986, p. 58).¹¹

No manual de Pseudo Demétrio, esse tipo de carta aparece em primeiro lugar, e, apesar de, nesse caso, apresentar um caráter oficial e solene, a pretensão é a de uma relação mais íntima entre remetente e destinatário: “a [carta] de amizade é a que parece escrita por um amigo para um amigo”. E esse conceito da carta de amizade se estende ao exemplo dado pelo autor: “se ocorre de me encontrar a uma grande distância de ti, sinto isso apenas pela presença física” (*Týpoi epistolikoí*, 1 Weichert).¹²

Também no manual de Pseudo Libânio, esse conceito aparece no exemplo desse tipo de correspondência: “Pois o quanto é digno honrar os amigos próximos quando presentes, e falar-lhes quando ausentes” (*Epistolimaíoi kharaktères*, 58 Foerster). Além disso, a questão da amizade aparece como um princípio de reciprocidade em um grande número de modelos de correspondências.¹³

A concepção da carta de amizade como autêntica substituta da fala de um amigo ausente aparece ainda nas correspondências de Cícero. À guisa de exemplo: “o que seria mais prazeroso para mim, se não posso falar contigo em tua presença, do que escrever-te ou ler tuas cartas?” (*Ad Fam.*, 12, 30, 1).¹⁴

¹¹ Mais à frente, Stowers volta a comentar como as cartas de amizade foram importantes na tradição epistolar, sendo que sua fraseologia e seus tópicos, ou lugares comuns, influenciaram, em todos os níveis, todos os demais tipos de carta (1986, p. 60).

¹² Com relação às citações de Pseudo Demétrio, siga o texto grego da edição de Weichert reproduzido por Malherbe (1988). Sobre essa passagem, em específico, Stowers comenta como Pseudo Demétrio foge à regra das cartas de amizade enquanto sendo compartilhadas por pares de um mesmo nível social. Como o manual de Pseudo Demétrio foi provavelmente escrito para escritores de cartas de repartições públicas, seus modelos de cartas lançam mão do antigo conceito de amizade envolvendo a reciprocidade de benefícios, sejam materiais ou em trocas de serviço (1986, p. 59).

¹³ Stowers lembra que Pseudo Libânio concedeu um lugar central às cartas de amizade, mas, de um modo diferente de Pseudo Demétrio, ele a define de modo mais estrito e tradicional, ou seja, em relação apenas com a amizade propriamente dita. Por outro lado, Pseudo Libânio reconhece que a amizade está amplamente ligada à tradição epistolar. Ele a menciona em onze de seus modelos de cartas e, contrariamente a Pseudo Demétrio, a “carta de pedido” é um tipo separado que se vale da amizade como garantia para o pedido (1986, p. 59). Sobre esses modelos de carta, Malosse observa que muitos têm como assunto um dom cobrado ou recebido na esfera pessoal, ou, no caso da carta de embaixada entre cidades, o assunto pode ser um objeto, um serviço, uma soma de dinheiro, ou determinada questão ou pedido levado ao conhecimento do destinatário (2014, p. 49). Sobre essas passagens em Pseudo Libânio, cf. Pseudo Libânio, *Epistolimaíoi kharaktères*, 54, 57, 64, 76, 82 Foerster.

¹⁴ Cf. ainda Cícero, *Ad Fam.*, 2, 4, 1; *Ad Atticum*, 8, 14, 1; 9, 10, 1; 12, 53. Como Malherbe lembra, no tempo de Cícero, a carta privada grega já tinha assumido uma forma definida e atraído a

Também nas cartas de Sêneca, encontramos essa concepção: “Quero que minhas cartas sejam como a minha conversa, se estivéssemos sentados ou andando juntos, espontânea e fácil” (*Ep. Mor.*, 75, 1-2).

Também na *Ars Rhetorica*, Júlio Victor lembra que, mesmo nas cartas oficiais, deve-se tomar o cuidado com relação à dimensão da carta, deixando um estilo familiar no discurso, e, mais à frente, recomenda até mesmo o uso de interjeições típicas da fala: “Às vezes é agradável falar como se a alguém presente: ‘escuta!’, ‘o que você está dizendo!’, ‘vejo que está brincando!’”. Há muitas desse tipo em Cícero” (*Ars rhetorica*, 27 Halm).

Mas, ao certo, essa proximidade da carta com o diálogo é reconsiderada por Demétrio, que aponta não apenas para a semelhança, como também para a diferença entre eles. Diante da posição de Artemão, ele remete ao contexto de uma fala amigável, mas com algum grau de elaboração: “A carta deve de algum modo ser mais elaborada do que o diálogo. Esse imita uma fala improvisada; já ela é escrita e enviada, de certa maneira, como um presente” (*PH*, § 224).

Essa oposição entre a fala improvisada e o estilo epistolar, escrito – logo, mais elaborado –, não é nenhuma novidade. A correspondência de Isócrates a Dionísio pode não ter o mesmo tom de um diálogo entre iguais, como o das “cartas de amizade” – sendo, de fato, melhor enquadrada no tipo epistolar “de conselho” (*symboleutikón*) –, mas ela traz uma discussão oportuna sobre as diferenças entre uma conversa a dois e uma carta.

Isócrates comenta que é muito diferente “dar conselhos” (*symbolouéin*) através da carta, afinal é mais fácil quando se está presente do que “por meio da escrita” (*dià grammátōn*); todos prestam atenção nos discursos falados como se fossem “proposições” (*eisēgēmata*), já, nas cartas, como se fossem “composições” (*poiēmata*). Além disso, “nas conversas, caso não se compreenda algo ou não se acredite nele, uma vez estando presente, aquele que expõe o discurso acode, em ambos os casos”, enquanto que, “nas cartas e nos discursos escritos, caso ocorra o mesmo, não há quem corrija” (*Ep.*, 1 Blass).

A percepção dessa diferença entre o gênero epistolar e uma conversa a dois encontra ressonância mesmo em autores bem posteriores. Júlio Víctor diz para se evitar a obscuridade nas cartas, mais do que na fala, já que a ausência

atenção dos retores, e, ainda que seja difícil determinar o grau exato do débito de Cícero para com a teoria grega sobre a epistolografia, alguns indícios sugerem essa aproximação (1988, p. 2). Keyes chama atenção para a equivalência de fórmulas gregas e latinas, sendo provável que Cícero tenha lançado mão de manuais gregos de composição de cartas (1935, p. 44).

do interlocutor o impede de pedir um esclarecimento sobre um ponto incompreendido (*Ars rhetorica*, 27 Halm). Também Gregório de Nazianzo enfatiza a necessidade da clareza, uma vez que a carta tem que ser entendida “por si só” (*autóthen*), admitindo uma linguagem informal, mas correta (*Epistula*, 51, 4 Gallay).¹⁵

Mas, de fato, ao apontar a diferença entre o gênero epistolar e o diálogo, Demétrio tem ainda uma motivação particular. Ao se opor a Artemão, um editor de cartas de um filósofo, é muito provável que Demétrio tenha em vista o diálogo filosófico, passando a assumir, desde o início de seu *excursus* sobre a epistolografia, a postura antifilosófica que será predominante na passagem.

E um dos sinais mais evidentes dessa postura é que Demétrio não admite, no âmbito do gênero epistolar, nem as cartas de Platão, nem aquela de Aristóteles a Alexandre, em razão da linguagem elevada (*PH*, § 234; 228).¹⁶ Também na discussão sobre o uso das disjunções (*lýseis*), frequentes no diálogo, mas inadequadas nas cartas, o exemplo é extraído do *Eutidemo* de Platão (*PH*, § 226).

De fato, Aristóteles é mencionado em cinco dos doze parágrafos do *excursus*, e é, segundo Demétrio, “aquele que parece ter sido o mais bem sucedido no gênero epistolar” (*PH*, § 230).¹⁷ Porém, as menções a Aristóteles revelam o caráter amistoso de suas correspondências, marcadas pela simplicidade estilística; tanto que a carta a Alexandre é excluída do gênero epistolar em razão de seu estilo elevado.

Assim, Demétrio tende a reconsiderar a proximidade da carta com o diálogo, a partir do âmbito de um diálogo mais cotidiano e familiar, a exemplo de outros autores que refletiram sobre o gênero epistolar. E, sob essa

¹⁵ O ponto levantado por Isócrates, sobre o grau de elaboração de um estilo escrito em comparação com o oral, também encontra ressonância na discussão em torno do aticismo nas cartas. E, apesar de a discussão sobre o aticismo ser ausente no *excursus* da epistolografia no *PH*, é oportuno destacar que ela também remete a uma cisão entre a linguagem escrita e falada. Filóstrato diz, por exemplo, que: “o estilo epistolar deve parecer mais ático do que a linguagem cotidiana, mas mais cotidiano que o aticismo, compondo-se de acordo com o uso comum” (*De epistulis*, II, 257, 29-258, 28 Kayser). Essa mesma passagem é reproduzida por Pseudo Libânio na ocasião de sua discussão sobre o aticismo nas cartas (*Epistolimaîoi kharaktêres*, 46-47 Foerster).

¹⁶ Além da linguagem elevada, a extensão das cartas de Platão também é um motivo para Demétrio excluí-las do gênero epistolar. Pelo mesmo motivo, o autor também exclui do gênero epistolar uma correspondência de Tucídides, da qual não temos conhecimento (§ 228), além de sofismas e tratados de ciências naturais, escritos, pretensamente, em forma de cartas (§ 231).

¹⁷ Sobre as menções a Aristóteles, cf. *PH*, § 223, 225, 230, 233, 234.

perspectiva, como ocorre naqueles autores, não tanto a diferença, mas antes a semelhança entre os gêneros é que se faz determinante.

Desse modo, se há uma “sabedoria” (*tò sophón*) transmitida pelas cartas, ela deve vir dos “provérbios” (*paroimíai*), em razão de seu caráter “popular” (*dēmotikós*) e “conhecido” (*koinós*) (*PH*, § 232). E, quanto a eles, Júlio Vítor também recomenda o uso dos mais familiares, alertando para o risco dos provérbios desconhecidos, que podem comprometer a clareza da mensagem (*Ars rhetorica*, 27 Halm). Além disso, o uso de provérbios é também recomendado por Gregório de Nazianzo (*Epistula*, 51, 5 Gallay) e Pseudo Libânio (*Epistolimaíoi kharaktēres*, 50 Foerster), pois conferem “graça” (*kháris*) ao discurso epistolar.¹⁸

E, justamente, a “graça” (*kháris*) é também um atributo do estilo epistolar apontado por Demétrio ao final de seu *excursus*: “Em suma, no que diz respeito ao estilo, a carta deve conter uma mistura destes dois tipos: o estilo da graça e o simples” (*PH*, § 235).¹⁹ E Demétrio também aponta o caráter “popular” (*dēmotikós*) e “conhecido” (*koinós*) do provérbio como atributos convenientes ao estilo epistolar, sendo que essas características são associadas ao efeito cômico em outras passagens do *PH*.²⁰ E, nesse ponto, é também oportuno destacar que, em Gregório de Nazianzo, os provérbios são lembrados ao lado do humor como elementos que “tornam mais agradável” (*kataglukáinetai*) o discurso epistolar (*Epistula*, 51, 5 Gallay).

No entanto, a principal característica da carta, para Demétrio, é mesmo a simplicidade no assunto e nas palavras: “A carta tem por intenção ser uma breve mostra de amizade e uma exposição sobre algum assunto simples e com palavras simples” (*PH*, § 231). Logo, no plano da teoria dos estilos do *PH*, a escrita de cartas está em um polo oposto à grandiloquência.²¹

E, de fato, essa é uma oposição que orientou também os demais autores antigos que abordaram a epistolografia, conforme podemos confirmar pelo

¹⁸ É oportuno notar, como Malosse lembra, que, nos exemplos propostos por Pseudo Libânio, máximas surgem na conclusão expressando a amizade (2014, p. 49).

¹⁹ A relação entre a “graça” e o provérbio não é muito evidente nesse *excursus* do *PH*. Porém ela pode ser inferida a partir de alguns indícios ao longo da obra. Um deles é que Demétrio diz que “por natureza, o provérbio é um assunto que tem graça” (*PH*, § 156). E, em outras passagens, a mesma relação pode ser inferida a partir do elemento do humor, que, no *PH*, também pertence ao campo semântico da *kháris*.

²⁰ No parágrafo 177, o termo “popular” (*dēmotikós*) é associado à comédia, e, no parágrafo 164, Demétrio diz que “o risível resulta de palavras comuns e mais conhecidas”.

²¹ Sobre a oposição entre o estilo “simples” e “grandioso”, cf. *PH*, § 36.

próprio testemunho de Pseudo Libânio: “Pois a ostentação além da conta, sua pompa e o aticismo exagerado foram estabelecidos como alheios ao gênero epistolar, como testemunham todos os antigos” (*Epistolimaîoi kharaktêres*, 47 Foerster).

Apesar da ausência de reflexão sobre o aticismo no *excursus* do *PH* sobre a epistolografia, também em Demétrio há a concepção de um estilo que não admite “pompa” (*ónkos*). Além disso, Demétrio faz ainda alusão a outra característica essencial do estilo epistolar, dessa vez no plano sintático: a “concisão” (*syntomía*):

E se deve restringir o tamanho da carta, bem como o estilo. Se forem demasiado longas e, mais ainda, se apresentarem um estilo mais pomposo, não serão, de jeito nenhum, cartas de verdade, mas sim tratados em que se inscreve um: *saudações!* É o caso de muitas cartas de Platão (*PH*, § 228).

Nota-se que o estilo pomposo e a tendência de se alongar as cartas são características das cartas filosóficas combatidas por Demétrio, que, mais uma vez, se opõe a elas para talvez reafirmar sua predileção pelas cartas privadas. Logo, a concisão e a simplicidade estilística são a tônica da epistolografia no *PH*.

E não só no *PH*, como também em outros autores. Plínio, o jovem, fala que a escrita de cartas é um exercício útil ao orador, sobretudo nos casos que demandam um discurso “conciso” (*pressus*) e “puro” (*purus*) (*Ep.*, 7. 9 Radice).²² E outros autores também reconhecem a concisão, embora expressem certas reservas quanto aos excessos.

Segundo Júlio Vítor, “nas cartas pessoais, a brevidade deve ser a primeira coisa a ser observada”, “mas que sejam reduzidas até o ponto em que não se vejam palavras faltarem” (*Ars rhetorica*, 27 Halm). Gregório de Nazianzo diz que “não se deve escrever muito, onde não há muito assunto, nem dizer pouco, onde há muito assunto” (*Epistula*, 51, 2 Gallay). Pseudo Libânio diz que “a extensão da carta” deve estar “conforme o assunto”, admitindo, portanto, certa extensão em algumas ocasiões (*Epistolimaîoi kharaktêres*, 50 Foerster).

Mas, no caso de Pseudo Libânio (*Epistolimaîoi kharaktêres*, 48-49 Foerster) e Júlio Vítor (*Ars rhetorica*, 27 Halm), as restrições com relação ao excesso de

²² Ainda que o termo para “concisão”, nesse caso, não diga respeito exatamente à extensão das cartas, mas à sua linguagem condensada, trata-se de um atributo que incide diretamente na extensão do discurso epistolar. Além disso, a ideia de um discurso “puro” se aproxima da concepção de um estilo simples, marcado menos pelo emprego de elementos próprios a eles, do que pela economia de recursos estilísticos.

concisão denunciam ainda uma preocupação preponderante desses retores com a “clareza” (*saphēneia*).²³

E a clareza foi um dos atributos do estilo epistolar comentado também por Filóstrato (*De epistulis* II, 257, 29 - 258, 28 Kayser) e Gregório de Nazianzo (*Epistula*, 51, 4 Gallay), e, ao certo, também por Demétrio, ainda que de modo mais pontual. Ela é indicada quando Demétrio recomenda cautela no uso da chamada “disjunção” (*lýsis*) nas cartas, pois ela pode ser “obscura” (*asaphés*) na escrita (*PH*, § 226).

Ainda no plano sintático, Demétrio propõe uma maior liberdade, evitando-se os períodos, que podem comprometer o caráter amistoso da carta (*PH*, § 229). Filóstrato recomenda a mesma cautela no uso dos períodos, admitindo-os apenas em determinadas circunstâncias (*De Epistulis*, II 257, 29 - 258, 28 Kayser). Gregório de Nazianzo se opõe às “antíteses” (*antítheta*), às “correspondências de sons ou entre dois membros de frase” (*párisa*) e aos “membros de período com o mesmo número de sílabas” (*isókōla*), a não ser que sejam utilizados para o humor (*Epistula* 51, 7 Gallay).

E essa ideia de uma sintaxe mais livre também encontra ressonância em Quintiliano. Como já indiquei antes, para ele a escrita epistolar, a exemplo do diálogo, é “solta” ou “frouxa” (*soluta*). Mas ele ainda acrescenta que os dois “não fluem, nem são coesos, nem se estendem palavra após palavra”, pelo contrário, “neles, as ligações são mais frouxas” (*Institutio Oratoria*, IX, 4, 20 Halm).

E, quanto às questões de ordem estilística, lembro, por fim, que o atributo da epistolografia envolvendo o “caráter” (*ēthos*) do remetente será definidor para seu estilo na concepção de Demétrio. Esse atributo, em Filóstrato, está associado ao imperador Marco, que “nas cartas, imprimiu a firmeza do caráter” (*De Epistulis*, II 257, 29 - 258, 28 Kayser); e podemos depreendê-lo também de uma correspondência de Cícero *Ad familiares*: “Te vi totalmente nas cartas” (*Ad familiares*, 16, 16, 2 Williams); ou, ainda, de uma das *Epistolae Morales* de Sêneca: “agora, do único modo que podes, te mostras a mim” (*Ep. Mor.*, 40, 1 Gummere).

Mas, além dessas observações pontuais, a escrita de cartas aparece nos *progymnasmata* de Teão e Nicolau associada à prática do exercício de

²³ Pseudo Libânio enfatiza que “não se deve destruir a clareza com a concisão”, embora reconheça também que “não se deve, ao se preocupar com a clareza, divagar indefinidamente” (*Epistolimaíoi kharaktēres*, 49 Foerster).

“personificação” (*ēthopoiía/prosōpopoiía*).²⁴ E a proposta de Demétrio evoca, em alguma medida, uma relação com a “personificação” muito similar àquela dos *progymnasmata*:

Mas que a carta tenha, ao máximo, uma mostra do caráter, tal como o diálogo. Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta (*PH*, § 227).

A própria utilização do termo *tò ēthikón* (“caráter”) reforça a ideia de uma aproximação com os exercícios preliminares da “personificação”, designados por Nicolau pelo termo *ēthopoiía*, que pode ser traduzido de forma mais literal por “construção do caráter”. E se, de fato, no *PH*, o termo se aplica mais especificamente ao remetente da carta, enquanto Nicolau leva em conta também o seu destinatário, em outro momento Demétrio reconhece também a relevância de adequar o estilo ao destinatário (*PH*, § 234).

E, nesse caso, em especial, o termo utilizado para designar tal destinatário é justamente *prosōpon* (“personagem”), que pode ser outra alusão ao mesmo exercício preliminar, denominado, então, pelo termo *prosōpopoiía* por Teão. Assim, como nos *progymnasmata* supracitados, Demétrio recomenda, na composição de uma carta, a observância do “caráter” (*ēthikón/prosōpon*), tanto do remetente, quanto do destinatário.

Parece, logo, provável que Demétrio parta de uma tradição bem estabelecida, também influente em autores posteriores, tomando, a seu modo, o exercício de escrita do “caráter” como um elemento definidor do estilo epistolar.

Como Chiron observou, com o termo *tò ēthikón* Demétrio discorre sobre a faculdade de um estilo sem ornamento revelar diretamente quem o utiliza, não mais com uma finalidade de convencimento, de despertar a convicção ou a

²⁴ Em Teão: “E a personificação é a representação de um personagem que estabelece falas apropriadas a si mesmo e aos assuntos propostos, sem contestação (...). E pertence a esse gênero de exercício a forma dos discursos consolatórios, persuasivos e epistolares. Antes de tudo, então, deve-se considerar qual é o papel do falante e a quem se dirige o discurso, a idade presente, a ocasião, o lugar, a circunstância e a matéria proposta, a respeito do que os discursos devem ser pronunciados. E, logo, deve-se então tentar dizer falas ajustadas (8 Patillon = 115. 12 Spengel).” Em Nicolau: “E também este exercício preparatório é útil às três formas de discurso da retórica. Pois, tanto elogiando, quanto acusando, quanto deliberando, precisamos frequentemente do exercício de personificação. E a mim parece também útil nós exercitarmos o tipo epistolar, se de fato também nesse é preciso ter atenção ao caráter do remetente e do destinatário (66. 17- 67. 5 Felten).”

simpatia, mas para instaurar uma relação mais íntima entre os seres, donde a magnífica fórmula “imagem da alma” (1993, p. XCVII).

E, a propósito, as passagens dos *progymnasmata* são ainda oportunas, pois remetem àquele segundo ponto levantado no início dessa exposição: o da inserção da epistolografia na instrução retórica. Temos, pois, aqui, dois claros indícios de que o exercício de escrita de cartas fez parte do programa escolar.

Logo, Schenkeveld também apontou as passagens de Teão e de Nicolau para reforçar a sua hipótese de um público escolar para o *PH*. As passagens de Teão e Nicolau não só seriam uma prova de que esse público teria entrado em contato com as primeiras reflexões teóricas sobre o gênero na escola, como corroborariam a hipótese de um público constituído por alunos que já passaram pelos referidos “exercícios preliminares” (*progymnasmata*) (2000, p. 45).

Contudo, no caso de uma aplicação escolar do *PH*, a hipótese de Schenkeveld apresenta um problema. Ao restringir as lições posteriores aos *progymnasmata* ao âmbito das *declamationes* – que são exercícios retóricos especializados na prática do discurso deliberativo e judiciário, – é difícil conceber a epistolografia nesse estágio educacional.

Porém, lembro que, se a escola objetivava a preparação dos jovens para suas atribuições na vida adulta, os retores não podem ter restringido suas lições mais avançadas à prática forense e deliberativa. Ao contrário, espera-se, em seu programa de estudos mais avançados, uma gama maior possível de discursos úteis às carreiras profissionais dos futuros oradores. E não há dúvida de que a epistolografia – veremos – estaria entre esses discursos.

Desse modo, parece mais plausível admitir que lições sobre a epistolografia foram proferidas por retores, mas paralelamente às declamações, sem qualquer necessidade de um suposto vínculo com a prática jurídica ou deliberativa.

Ainda acerca da formação escolar, é oportuno salientar que outras fontes, além dos *progymnasmata* de Teão e Nicolau, apontam para a escrita de cartas como lições escolares. Criatore indica que, em um nível ainda mais elementar, a qualidade e o caráter convencional de fórmulas marcadas nas cartas do Egito greco-romano podem ser explicados não apenas pelo uso de *clichés*, mas por terem uma relação com a prática escolar. A autora lembra ainda que a escrita de cartas teria feito parte da periferia da instrução no nível gramatical (2001, p. 216-217). E, na verdade, as características básicas das cartas privadas, por exemplo, foram preservadas de modo tão fiel, desde o século V a. C., que, em

boa parte, isso se deve à instrução escolar e aos manuais de escrita de cartas (MALHERBE, 1988, p. 6).

É fato que os testemunhos de autores antigos sobre a educação secundária, como Cribiore alerta, tendem a colocar a prática da escrita em segundo plano, enfatizando a apreensão do conhecimento literário; tanto que a composição escrita – e, com efeito, a de cartas –, não é, por exemplo, mencionada por Dionísio Trácio (2001, p. 217). No entanto, a escrita enquanto composição, e não simples cópia, fez parte do ensino – e isso vale particularmente para escrita de cartas –, aprendida com o gramático e aperfeiçoada com o retor:

Os testemunhos de autores antigos sobre a educação secundária parecem sugerir que um estudante dedicou mais energia ampliando seu conhecimento da literatura do que da escrita. No entanto, não é inteiramente claro em que medida os princípios de exposição escrita eram reforçados neste nível; sob a tutela de um gramático, os estudantes começaram a rascunhar textos simples e curtos, tais como sumários elementares e paráfrases do que liam. A composição sobre temas pessoais não era parte da prática (...), mas um tipo de escrita que permitiu um pouco mais de liberdade e que os estudantes teriam aprendido com o gramático e aperfeiçoado com o retor foi a escrita de cartas (CRIBIORE, 2001, p. 217).²⁵

Desse modo, não mais a simples cópia, memorização e apontamento de regras gramaticais, como também a própria composição pode ter sido incorporada às lições do gramático sobre as cartas, ainda que de modo discreto, como na proposição de Cribiore reproduzida acima. E essas primeiras composições podem ainda estar ligadas àqueles “exercícios preliminares” de “construção do caráter”, a que me referi antes, estando teoricamente sob a tutela do retor, mas com o gramático assumindo-os eventualmente para si.

Cribiore lembra ainda que correspondências iam e vinham entre os estudantes que viviam longe de suas famílias. E, além da finalidade mais óbvia que seria a de ter notícias dos filhos, os pais precisavam se assegurar se seu dinheiro estava sendo bem gasto, e as cartas eram, muito provavelmente, o meio mais palpável de se verificar os conhecimentos adquiridos (2001, p. 217-

²⁵ *Ancient author's accounts of secondary education seem to suggest that a student dedicated much more energy to enlarging his knowledge of literature than to writing. Though it is not entirely clear to what extent the principles of expository writing were enforced at this level, under a grammarian's tutelage students began drafting simple and short texts, such as elementary summaries and paraphrases of what they read. Composing on personal themes was not part of the practice (...) but one type of writing that allowed a bit more freedom and that students might have learned with the grammarian and perfected with the rhetor was epistolary writing.*

218).²⁶ E é fato que o período helenístico já é um momento em que os jovens de famílias abastadas se dirigem a grandes centros para estudar, de modo que é factível que o exercício de escrita de carta tenha tido uma grande importância na comunicação com suas famílias.

E se os ensinamentos do professor são naturalmente postos em prática na escrita de uma carta, e se a necessidade de seu público aumenta – e devemos lembrar que os professores são pagos pelos pais desses alunos –, espera-se que esses professores passem a atender à demanda de sua clientela, oferecendo, assim, uma instrução mais especializada.

E, nesse sentido, lembro que os manuais de Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio estiveram mais precisamente ligados a escolas profissionais de chancelaria e negócios (CRIBIORE, 2001, p. 216),²⁷ mas um indício de que manuais similares podem ter sido utilizados na escola também em níveis menos avançados é o *Papiro Bononiensis* 5.

Como Stowers lembra, esse papiro revela o exercício de escrita de um estudante que se exercita em diferentes tipos de carta, provavelmente com o auxílio de um manual (1986, p. 33).²⁸ Nesse caso, estamos diante de um exemplo de que manuais similares aos de Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio, com exemplos de cartas seguindo uma classificação, podem ter circulado, talvez em versões mais simplificadas, entre um público menos cultivado, com um conhecimento apenas elementar, obtido nas lições do gramático.

²⁶ Afinal, a educação era um negócio sério e dispendioso, e os pais precisavam saber se seu dinheiro estava sendo bem empregado (2001, p. 217). Cribiore comenta duas cartas enviadas por estudantes no Egito romano. Na primeira, um estudante chamado Thonis pede ao pai para vir visitá-lo; a presença do professor é sentida em toda a carta; o estímulo do professor teria induzido o estudante a escrever para sua casa. Na segunda, dois estudantes, Hephastion e Horigenes expressam sua gratidão para com o pai, com palavras e conceitos refinados, e com pontuação correta. A carta deles é inabitual; ela é cheia de acentos, espíritos, e marcas de pontuação – lembretes de que o professor estava merecendo o dinheiro do pai. Já as outras cartas encontradas nos papiros e que teriam sido enviadas por estudantes não mostram com tanta clareza a mão de um professor, no entanto, não é inconcebível que algumas possam ser consideradas exercícios de escola e cartas reais ao mesmo tempo. Cribiore dá o exemplo de uma carta em que um pai furioso anuncia que irá retirar seu filho da escola. O pai revela que recebeu uma carta dele que, por sua tamanha estupidez, resolveu guardá-la para mostrar ao professor (2001, p. 217-218).

²⁷ Gregório de Nazianzo, ao final de sua correspondência a Nicobolo, sugere que, além de este poder aprender outros aspectos da epistolografia por si só, “também os que são hábeis nesse assunto o ensinarão”. E, segundo Stowers, Gregório de Nazianzo se refere a uma espécie de professor de escola de negócios, que treinava alunos em questões como estenografia e escrita de cartas, preparando-os para o desempenho de suas funções nas repartições públicas (1986, p. 33).

²⁸ Ainda sobre esse papiro enquanto a escrita de um estudante, cf. CRIBIORE, 2001, p. 216.

Nesse texto, encontrado sob as areias do Egito, datado do século III ou IV d. C., é possível reconhecer alguns dos “tipos” epistolares contidos naqueles dois manuais: primeiro, vemos o fim de duas cartas cuja categoria nós não conhecemos, mas que poderia ser, na opinião de Monteverchi, a do *eukharistikón* (“de agradecimento”); na sequência, três exemplos de cartas cuja categoria estaria indicada em um título *suasoriae de minimis legatis, symbouleutikón* (“de conselho”); a seguir, temos seis exemplos de cartas sob o gênero *gratuloriae hereditatum acceptarum, sunkharistikón* (“de felicitação”); e, finalmente, uma carta e o início de uma outra sob o título de *Gratulatoria [e libertatis acceptae]*, ainda dentro da categoria do *synkharistikón* (MONTEVECCHI, 1953, p. 21).²⁹

Assim, o material papirológico mostra a escrita de um aluno que se vale de uma classificação de modelos de cartas semelhante àquela dos manuais de Pseudo Demétrio e de Pseudo Libânio, e uma classificação sobre a qual não podemos saber o quanto antiga seria; afinal de contas, a própria natureza dessa categorização é a de admitir sempre novos desdobramentos.³⁰ Como Malosse salientou, Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio não são certamente os primeiros a tratarem do assunto, e qualquer um que tenha frequentado as escolas de retórica era munido de preceitos análogos (2014, p. 16).

De La Torre enumera ainda fórmulas e tópicos que se mantêm ao longo da tradição epistolográfica, o que confirma a existência de manuais de técnica escolar (1979, p. 38-43). E, apesar das diferenças no plano da apresentação do texto desses manuais com relação ao *PH*, é possível que muitos dos pontos levantados por Demétrio tenham alguma relação com a formação via manuais de epistolografia.

Entre os tópicos elencados por De la Torre, particularmente, o da “presença” (*parousía*) é frequente, como comentei, nas “cartas de amizade” visadas por Demétrio, e ele está de algum modo sugerido nas passagens em que se relacionam a carta e o diálogo. Também a ausência do remetente

²⁹ Pontuo a presença desses tipos naqueles dois manuais: o tipo epistolar chamado *eukharistikón* (“de agradecimento”) encontra-se em Pseudo Demétrio, *Týpoi epistolikoí*, 21 Weichert, e em Pseudo Libânio, *Epistolimaíoi kharaktères*, 10, 57 Foerster; o *symbouleutikón* (“de conselho”), em Pseudo Demétrio, *Týpoi epistolikoí*, 11 Weichert; e, por fim, o *synkharistikón* (“de felicitação”), em Pseudo Demétrio, *Týpoi epistolikoí*, 19 Weichert, e em Pseudo Libânio, *Epistolimaíoi kharaktères*, 20, 67 Foerster.

³⁰ Acerca da natureza dessa categorização, sempre disposta a novos desdobramentos, cf. MALOSSE, 2014, p. 11-12.

compensada pela carta aparece no *PH*, na expressão formular “espelho da alma” (*eikōn psykēs*; lit. “imagem da alma”) (*PH*, § 227).³¹

Mas, além dos indícios que apontam para a inserção da reflexão de Demétrio sobre a epistolografia no quadro escolar, uma vez que a epistolografia teve um papel fundamental na vida pública do período helenístico, espera-se que a escola prepare os jovens para as tarefas que serão desempenhadas por eles na vida adulta. Assim, Schenkeveld conclui que a presença da epistolografia no *PH* está relacionada com a preparação do jovem para seu futuro papel na cidade:

É a única lógica para o treino dessa matéria como parte do programa de treinamento como um todo, porque a educação retórica pretende preparar os jovens para cumprirem um papel útil em suas cidades e na vida em geral. É verdade que Demétrio não o diz explicitamente, mas minha interpretação concernente à presença de uma teoria da escrita de cartas nessa obra corresponde a uma visão geral para fins de educação retórica (SCHENKEVELD, 2000, p. 45).³²

Schenkeveld aponta ainda a existência de ao menos uma alusão no *PH* à utilidade das cartas para um homem que se dedica à vida pública: “Mas como também, às vezes, escrevemos para cidades e a reis, que se admita que tais cartas sejam um pouco mais elevadas, pois se deve ter em vista também o destinatário” (*PH*, § 234).

O breve apontamento de Schenkeveld não adentra a relação da passagem com o provável contexto de composição do *PH*. Mas lembro que o manual de Pseudo Demétrio foi endereçado a um jovem com ambições na chancelaria, talvez um aluno já em um cargo alto do funcionalismo e com ambições de

³¹ Esse é um bom exemplo de como um tópico se mantém ao longo de uma tradição, encontrando-se cristalizado mesmo em época bem posterior, no caso, nos séculos IV e V. Gregório de Nazianzo descreve a carta como uma “sombra ao invés do corpo” (*skià anti sōmatos*), sendo a troca de cartas uma “escrita de sombras” (*skiagraphēnai*). “Enxergar pelo pensamento” (*diánoiāi blépein*) e a menção aos olhos da alma também aparecem nos autores dessa época. E a própria expressão de Pseudo Libânio, também comentada mais acima, “um encontro através da escrita” (*homília dià grammátōn*), a exemplo daquela mesma de Demétrio, aparece, às vezes, já cristianizada. Sobre esse tópico, em particular, remeto à discussão em DE LA TORRE, 1979, p. 43. Lembro também uma passagem levantada, em outro momento, por De la Torre: o *P. Lips.* 104. O texto do papiro diz: “quando nos escreves, acolho algo que está dentro da alma” (De la Torre, 1979, p. 40).

³² *It is only logical for training in this subject to be part of the whole training program because rhetorical education claims to prepare young men for fulfilling a useful role in their cities and life in general. It is true Demetrius did not say this explicitly, but my interpretation concerning the presence of a theory of letter writing in his book fits in with general views on the goals of rhetorical education.*

progredir na carreira (MALOSSE, 2014, p. 70). A esse jovem, Pseudo Demétrio diz que “cabe às cartas serem escritas com o máximo de perícia” e “serem escritas, assim, por aqueles que recebem as funções dos encarregados dos assuntos públicos”; e, ainda, que seu conhecimento não é útil “em banquetes, mas em circunstâncias profissionais” (*Týpoi epistolikoí*, proêmio Weichert).

Independente de o manual de Pseudo Demétrio ter sido composto no período helenístico ou mais à frente, ele remete a uma atividade de importância crescente nas relações públicas e diplomáticas já a partir desse período, e que atingirá então seu ápice nos períodos subsequentes.³³ É oportuno lembrar o caso do próprio manual de Pseudo Libânio, utilizado no treino de escritores de cartas profissionais, e que Quintiliano também reconheceu a função das cartas públicas, quando admite certa reserva quanto ao estilo mais livre das cartas em “questões de ordem pública” (*res publica*) (*Institutio Oratória*, IX, 4, 19 Halm).³⁴

Como se nota, trata-se aqui daquele terceiro ponto levantado no início dessa discussão sobre a epistolografia. Afinal, ela foi reconhecidamente uma atividade praticada pelos sofistas. Os escritores de carta profissionais, como Stowers oportunamente destacou, serviram à burocracia do estado, às famílias mais prósperas e ao público mais amplo de iletrados (1986, p. 33).

Os imperadores, em Roma e nas províncias do entorno, criaram os postos oficiais de *ab epistulis*, no segundo século ou início do terceiro, para os muitos sofistas e retores, sobretudo gregos (BOWERSOCK, 1969, p. 50). E, apesar de ser uma criação do império, esse cargo reflete a importância crescente que a epistolografia vinha adquirindo, como eu disse, desde o período helenístico. E mesmo que, nesse período, em particular, ainda não tenha sido criado um cargo específico para a função designada, ela era desempenhada pelos sofistas da época.

Ao observar a evolução do estilo de documentos públicos do baixo período helenístico, marcados, então, cada vez mais profundamente pela retórica, Robert destacou também as “cartas”. Enquanto uma atividade praticada por uma aristocracia que se impunha cada vez mais sobre as

³³ Como exemplo da prática da epistolografia para fins diplomáticos, lembro o caso de Élio Aristides (117-180 d. C.), apontado por Pernot; Aristides endereça uma carta a Marco Aurélio e a Cômodo, solicitando ajuda para a reconstrução de Smirna, recém devastada por um terremoto (PERNOT, 2000, p. 254).

³⁴ Stowers lembra ainda o tratado perdido de Filóstrato, do princípio do século terceiro, que refletiria certas controvérsias entre os retóricos sobre o estilo epistolar adequado ao serviço público (1986, p. 34).

instituições democráticas, o estilo dessas cartas refletia a formação retórica de jovens aristocratas (*apud* Pernot, 2000, p. 107).

Logo, me oponho a Schenkeveld, quando, a propósito da passagem do *PH* citada anteriormente, ele comenta que aqueles destinatários apontados por Demétrio – as cidades e os reis – pudessem ser tanto reais, quanto fictícios. Uma situação fictícia seria, de fato, mais plausível em um exercício escolar. No entanto, a própria importância da epistolografia no contexto diplomático do período helenístico pesa a favor de que Demétrio vise a uma circunstância bastante real.³⁵

Além disso, lembro que, já bem antes, Isócrates é um caso exemplar do uso da epistolografia para fins políticos. Como De la Torre também notou, todas as cartas que chegaram a nós sob seu nome são endereçadas a reis, príncipes e magistrados (1979, p. 24).

Mas voltando novamente àqueles manuais de Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio, quando comparados com o *PH*, esse se destaca justamente pela reflexão crítico-teórica. Os manuais de Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio têm, afinal, um caráter muito mais pragmático, e o ensino por meio desses manuais está pautado, fundamentalmente, na imitação de modelos, mais do que propriamente na reflexão. E o *Pap. Boneniensis* 5 demonstra menos interesse ainda pela teoria, não contendo sequer as descrições introdutórias dos tipos de cartas.

Logo, se o grau de reflexão crítico-teórica torna-se maior à medida que o público avança no conhecimento e na prática da epistolografia, no caso do *PH* esse grau de reflexão sendo visivelmente o maior, pressupõe-se a necessidade de um conhecimento prévio da parte do público de Demétrio que esteja ou no mesmo nível dos manuais de Pseudo Demétrio e de Pseudo Libânio, ou, mais provavelmente, em um nível à frente desses manuais.

Além disso, Demétrio abre mão da construção de exemplos a serem imitados, lançando uma reflexão crítica sobre exemplos extraídos das correspondências de Aristóteles. Ou seja, Demétrio recorre a uma tradição já bem estabelecida da epistolografia enquanto gênero literário, uma tradição que, como Grube salienta, remonta ao quarto, se não quinto século (1995, p. 118).³⁶

³⁵ A carta diplomática está entre os “Tipos epistolares” de Pseudo Libânio, o que reflete sua importância na Antiguidade; cf. Pseudo Libânio, *Epistolimátoi kharaktêres*, 76 Foerster.

³⁶ Grube lembra uma passagem do *Lísias* de Dionísio de Halicarnasso em que se menciona a *performance* do orador no gênero epistolar. Tendo o orador vivido entre c. 459 e 380 a. C., a escrita de cartas como um gênero deve ser tão antiga quanto o final do quinto século.

Logo, uma reflexão desse nível faz mais sentido para um público interessado na epistolografia sob uma perspectiva mais ampla, que ultrapassa o domínio das correspondências tidas como “utilitárias” em direção às correspondências “literárias”.³⁷

A esse respeito, Stowers lembra como a epistolografia enquanto um meio de expressão estética pertenceu a um grupo seletivo de aristocratas que compartilhava uma formação retórica avançada. Para esse grupo, o propósito das cartas era também o prazer (1986, p. 34).

E, nesse mesmo sentido, Plínio, o jovem, alinha a utilidade com o lazer na prática do gênero epistolar pelo orador. Ao lado da história, segundo Plínio, a escrita de cartas é útil, pois, “de fato, muitas vezes, mesmo na oratória, ocorre uma exigência não somente histórica, mas quase poética de descrições, e um discurso conciso e puro é atingido pela escrita de cartas” (*Ep.*, 7, 9 Radice). E as cartas são, nessa passagem, associadas à poesia, a qual, logo em seguida, Plínio designa como um “lazer” (*otium*), uma espécie de “jogo” (*lusus*), ao orador. Plínio refere-se sem dúvida aqui à epistolografia enquanto um gênero literário cultivado pela aristocracia.³⁸

E é, pois, muito provável que os sofistas, dotados de uma ampla formação literária, já no tempo de Demétrio não só praticassem a epistolografia como parte de seus afazeres administrativos, como também concedessem parte de seu tempo ocioso à apreciação desse discurso enquanto um gênero literário. Desse modo, como Kennedy bem observou, o *PH* reflete o crescente papel da carta – pública ou privada, literária ou não literária – no período Helenístico (1994, p. 89).

REFERÊNCIAS

- BOWERSOCK, G. W. *Greek sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1969.
- BUTLER, H. E. *The institutio oratoria of Quintilian*. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press; London: Heinemann, 1958-1960. 4 v. (The Loeb Classical Library)

³⁷ As correspondências “utilitárias” seriam aquelas abordadas nos manuais de Pseudo Demétrio e Pseudo Libânio; lanço mão aqui da expressão utilizada por Malosse (2014, p. 15).

³⁸ Stowers lembra que grandes modelos da arte epistolar foram produzidos pelos sofistas gregos do séc. II d. C., tais como Dión Crisóstomo, Filóstrato e Libânio. E que, estilisticamente, escritores cristãos, como Gregório de Nazianzo, lembram estes sofistas pagãos. Stowers também lembra o caso das correspondências de Plínio, o jovem, que supõe um público cultivado; ou, ainda, de outro movimento estético da epistolografia, o das cartas poéticas de Horácio e Ovídio (1986, 34-35).

-
- CHIRON, P. *Un rhéteur méconnu: Démétrios (Ps.- Démétrios de Phalère)*. Essai sur les mutations de la théorie du style à l'époque hellénistique. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2001.
- CHIRON, P. *Démétrios. «Du style»*. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- CRIBIORE, R. *Gymnastics of the mind. Greek education in Hellenistic and Roman Egypt*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- DE LA TORRE, E. S. La epistolografía griega. *Estudios Clásicos*, 23, p. 19-46, 1979.
- FELTEN, I. (ed.). *Nicolai Progymnasmata*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1913. (Rhetores Graeci, v. XI).
- GRUBE, G. M. A. *The Greek and Roman Critics*. 7. ed. reprinted. Indianapolis: Hackett Publishing Company, Inc., 1995, p. 110-121.
- GRUBE, G. M. A. *A Greek Critic: Demetrius On Style*. Toronto. University of Toronto Press: 1961.
- KENNEDY, G. A. *Classical Rhetoric & its Christian & secular tradition from ancient to modern times*. 2 ed. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.
- KENNEDY, G. A. *A new history of classical rhetoric*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- KEYES, C. W. The Greek letter of introduction. *American Journal of Philology*, vol. 56, n. 1, p. 28-44, 1935.
- MALHERBE, A. J. *Ancient epistolar theorists*. Atlanta, Georgia: Scholars press, 1988.
- MALOSSE, P. *Lettres pour toutes circonstances. Les traités épistolaires du Pseudo-Libanios et du Pseudo-Démétrios de Phalère*. Introduction, traduction et commentaire. Paris: Les Belles Lettres, 2014. (La Rue à Livres).
- MONTEVECCHI, O. *Papyri Bononienses: P. Bon. 1., 1-50*. Editi e commentati. Milano: Società editrice 'Vita e pensiero', 1953.
- PATILLON, M. *Aelius Theon. Progymnasmata*. Texte établi et traduit par Michel Patillon, avec la assistance, pour l'arménien, de Giancarlo Bolognesi. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- PERNOT, L. *La Rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.
- RADICE, B. *Pliny. Letters and panegyricus* (2 vol.). Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1975. (Loeb Classical Library).
- SCHENKEVELD, D. M. The intended public of Demetrius's On style: the place of the treatise in the hellenistic educacional system. *Rhetorica*. Leiden, vol. XVIII, n. 1, p. 29-48, 2000.
- SPENGLER, L. *Rhetores Graeci*. Lipsae: B. G. Teubneri, 1854. v. 2.
- STOWERS, S. K. *Letter Writing in Greco-Roman Antiquity*. Philadelphia: The Westminster Press, 1986.
- VAN HOOK, L. *Isócrates*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1945. v. 3.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de junho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 12 de setembro de 2016.